

Lições da Batalha

O encerramento da campanha deixou no campo da batalha eleitoral o corpo sem vida da esquerda dirigista, estatizante e protecionista. Morreu de maneira inglória a velha esquerda sectária, sem compromisso claro com a democracia política e a moderna economia de mercado.

Essas eleições soaram o dobre de finados para ideologias concebidas há 50 anos, ancoradas em raízes sindicais e corporativas, que tentaram em vão, por intermédio de contorcionismos, contentar uma militância tão diversa como antagônica entre si.

A nação acompanhou a agonia e o passamento da ação política marcada pelo facciosismo, o expurgo, a incapacidade de concluir alianças amplas, sólidas e estáveis, tidas como incompatíveis com o purismo revolucionário das frações mais fanáticas do espectro político.

Fernando Henrique, com raízes social-democratas, conseguiu atrair habilmente a direita para o centro, em nome da estabilidade e da governabilidade. E a nação entendeu perfeitamente seu deslocamento estratégico e a função estabilizadora da coalizão ampla que ele consolidou.

Luís Inácio Lula da Silva, ao contrário, não conseguiu domesticar seus radicais e assistiu ao dilaceramento – para não dizer a pulverização – da oposição, perdida num debate estéril para saber se o realismo político era, ou não, uma política de renegados.

A esquerda fundamentalista condenou o aliancismo pragmático, estigmatizando-o como compromisso espúrio com o populismo diluidor da verdade jacobina. Os realistas se lamentaram em silêncio em face dessa intransigência eleitoralmente ingênua, que preferiu se aliar a irmãos siameses ideológicos e perder nas urnas a conviver num espectro amplo com um programa mínimo comum para triunfar.

Como não pôde atacar de frente a estabilização econômica, identificada com o presidente da República, mas sem ter a coragem de aderir sem rebuços a ela, como ocorreu com a oposição argentina, a oposição centrou suas críticas no desemprego, mas não convenceu o elei-

torado de que Fernando Henrique era o seu principal responsável, nem de que a oposição não torcia secretamente pelo pior.

Os desencontros internos e camisas-de-força ideológicas deixaram pouco espaço de manobra, transformando o projeto de campanha da oposição numa pauta de reivindicações segmentadas, sindicais, corporativas. Para contentar os sindicatos e a burocracia estatal, o principal candidato da oposição passou a tratar o funcionalismo público como se fosse vanguarda histórica e verberou as reformas administrativa e previdenciária, os contratos temporários, a redução da jornada de trabalho e das horas extras. Como se a flexibilização da legislação trabalhista não fosse uma arma contra o desemprego.

Como se não bastasse, propuseram a cláusula de indemissibilidade nos contratos de privatizações de empresas estatais e garantia de salários para gestantes e líderes sindicais. Caso típico de quem pavimenta o inferno da inviabilização do emprego com boas intenções estabaneadas. Não perceberam que o Brasil mudou, que a nação valoriza a estabilidade econômica e política e repudia os sofismas corporativistas.

Uma aliança ampla da oposição em torno de um político como Ciro Gomes poderia consolidar a idéia da mudança sem perigos desnecessários e aventuras inúteis. O debate teria sido sobre o fundamental, deixando de lado intolerâncias primárias e ressentimentos antigos. O país não seria contrariado em sua aspiração básica que é a política e a administração sem riscos, sem sobressaltos de mentes intuitivas.

O Brasil necessita de uma oposição que seja alternativa razoável, capaz de conduzir debate adulto, condizente com os riscos incontornáveis do mundo globalizado. O Plano Real transformou o país, as sucessivas eleições estão sendo lições de democracia e cidadania. Todos os avanços sociais estão provisoriamente camuflados pela ansiedade provocada por uma conjuntura internacional ingrata.

A oposição precisa se engajar em uma discussão séria sobre essas questões de fundo. O Brasil precisa de oposição confiável e de maiores parlamentares sólidas.